



Ateliê de História

Palavras - chave:
IHGB; História do Brasil;
História da Imprensa;
Comemoração; Memória.

Resumo: O projeto de dissertação se baseia em um estudo da memória e comemoração do centenário da imprensa a partir da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). A edição comemorativa da revista IHGB visava elaborar uma espécie de inventário completo sobre todos os jornais publicados em território nacional até então. Cada estado teria um responsável por realizar esse levantamento que posteriormente seria publicado em formato de inventário. Dessa maneira, o foco principal deste estudo é analisar o discurso comemorativo do centenário da imprensa através do Tomo Consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa no Brasil bem como outras edições regionais produzidas pelo IGHB. Neste caso, a imprensa como veículo fundamental na formação de uma rede de comunicação, considerando sua relevância cultural e política através de seus inúmeros discursos.

PROJETO DE PESQUISA: OS 100 PRIMEIROS ANOS DA IMPRENSA: UM INVENTÁRIO COMEMORATIVO A PARTIR DA REVISTA DO IHGB

Alvaro Daniel Costa ¹
Claudio Luiz DeNipoti²

INTRODUÇÃO

O ano de 1908 foi um marco na história brasileira, pois se comemorava o 100º ano da imprensa no país. Cabe lembrar que no mesmo contexto também se lembrava do centenário da vinda da família Real, ou seja, de transformações consideradas essenciais na história do país como, por exemplo, a abertura dos portos bem como a mudança do status jurídico de Colônia para Reino Unido. A imprensa fez parte dessas mudanças, sendo vista como o início da emancipação do Brasil por muitos historiadores. De acordo com Márcia Abreu (2010) o Brasil foi o 12º país da América Latina a obter, da respectiva metrópole o direito de impressão. Alfredo de Carvalho nos *Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana* revela que aqui foi o último lugar a se chegar a imprensa e ilustra dando exemplos de quando a prensa tipográfica chegou nos países vizinhos (1908, p.15) ³

Enquanto já existia no México, desde 1539, no Perú em 1585, e nos actuaes Estados-Unidos, em 1638, só após a transmigração da família real portuguesa foi, a 13 de maio de 1808, inaugurada no Rio de Janeiro a *Impressão Régia*, primeira typographia que possuímos. Entretanto, o invento de Gutemberg cedo tivera ingresso em Portugal, onde já pelos anos de 1464 ou 1465 funcionavam prélos

Antes toda a documentação política e administrativa teve de se processar por meio dos manuscritos. De acordo com José Mindlin (2011, p. 19) duas medidas foram importantes no momento que a corte portuguesa era transferida pra cá: a abertura dos portos e a *Impressão Régia*. Foram esses fatores que abriram o Brasil para o mundo do ponto de vista político e cultural sendo a primeira com efeito imediato e a segunda com resultados mais tardios.

Marialva Barbosa (2013) relembra que apesar da tipografia vir “na bagagem do rei” no começo a função da *Impressão Régia* era a publicação de papéis oficiais do governo. Barbosa (2013, p.39) aponta que “rapidamente a *Impressão Régia* passaria a imprimir outros tipos de publicação, inclusive livros. E será de sua tipografia que sairá, quatro meses depois do início de seu funcionamento, o primeiro jornal a circular no Brasil: *A Gazeta do Rio de Janeiro*”. A demora da chegada da palavra escrita, sobretudo, por jornais, se deve a outros fatores, um deles é que a palavra impressa poderia ser um

1 Mestrando no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UEPG e Bacharelado em História pela mesma instituição. Bolsita CAPES/CNPQ. Email: alvarominogue@hotmail.com

2 Orientador. Pós-Doutor pela USP, Doutor em História pela UFPR. Professor Associado do Departamento de História e Programa de Pós-Graduação de Mestrado em História da UEPG.

3 Serão mantidas todas as grafias originais da época.

perigo, uma vez que poderia ocorrer a difusão de ideias subversivas.

Olga Sodré (2011, p.5) em uma apresentação no livro *História da Imprensa no Brasil*⁴ pondera que a mesma é fonte fundamental para a compreensão e explicação da realidade social do país. No livro *História cultural da Imprensa-Brasil 1800-1900* (2010, p.25), Marialva Barbosa relembra que:

No caso da imprensa brasileira, depois da gênese-instaurada pela implantação da imprensa no país com a vinda da família real em 1808-, passa-se a um período em que a imprensa divide-se entre oficial e “oficiosa”: é o tempo da supremacia do jornalismo como representante da fala oficial do poder político. Na sucessão de tempos dessa história, a fundação da *Aurora Fluminense*, por Evaristo da Veiga, e do *Jornal do Commercio* (e de seu antecessor direto, o *Spectador Brasileiro*), em 1827, marcaria outro tempo singular: o início da imprensa que buscava na construção de um discurso de cunho político a base de sua produção editorial. No momento seguinte, irrompem os debates em torno da questão republicana e abolicionista, e o jornalismo será, nessas interpretações, palco fundamental para ampliação dos grandes embates discursivos nacionais. Ampliando a nova cultura política, os jornais amplificam as discussões, construindo ideias dominantes num jornalismo de viés exclusivamente opinativo. Nesse cenário, ganha uma interpretação particular o jornalismo abolicionista: se para alguns autores sua atuação foi fundamental, para outros, o poder de difusão restrito desses periódicos levou-os a construir mais uma importância simbólica do que de fato, exerceram na sociedade. E, finalmente, nessa história sujeita a interpretações particulares emergem as tecnologias de um novo século e as transformações da imprensa na cidade, capitaneadas pelas mudanças da alvorada do século XX.

Nos fins do século XIX com a República e advento de novas tecnologias a imprensa periódica se diversifica cada vez mais. Segundo Maria Lourdes Eleutério (2012, p.83)

A imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada-charge, caricatura, fotografia-, assim como o aumento das tiragens, melhor quantidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa. No campo gráfico, as transformações foram intensas e impactantes. Como um movimento orquestrado, os setores de suporte daquela atividade conheceram avanços, surgindo rapidamente um mercado consumidor, enquanto se estimulava a produção interna do papel, matéria-prima fundamental para desenvolvimento do ramo. A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável, que encontrou no periodismo ensaio ideal para

novas relações de mercado do setor. Logo, aquela imprensa periódica resultou em segmento polivalente, de influência na otimização dos demais, isto é, da lavoura, comércio, indústria e finanças, posto que as informações, a propaganda e a publicidade nela estampadas influenciavam aqueles circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas. O jornal, a revista e o cartaz- veículos da palavra impressa- aliavam-se às melhorias dos transportes e dos meios de comunicação, potencializando o consumo de toda ordem

O século XIX pode ser definido como a época das transformações no mundo e Brasil, tendo a imprensa seu contributo nessas diversas mudanças culturais, sociais e políticas. Por esse motivo, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB) publicou o *Tomo Consagrado à Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil*. Cada estado brasileiro teria um responsável pela organização do seu catálogo. Inúmeras figuras intelectuais e políticas corroborariam para a coleta de dados, de modo “Todos esses catálogos, alguns primorosamente elaborados, pantenteam a boa vontade de seus organizadores que prestaram, desse modo, relevantíssimo serviço à bibliografia brasileira e mais digna homenagem à imprensa de nossa terra” (p. 9 e 10).

Como Manoel Luiz Salgado Guimarães aponta em seu artigo “*Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*” os produtores desses catálogos do IHGB são os *hommes de lettres*. Figuram dentre eles: médicos, engenheiros, políticos, etc. Como resultado desse esforço foi publicado em 1908 um Tomo contendo o catálogo de jornais do Norte e Nordeste totalizando 821 páginas em que são descritos sumariamente um pouco de cada publicação.

Dessa maneira, nota-se uma preocupação do IHGB em deixar registrada a história da imprensa periódica do Brasil, uma vez que era o centenário da mesma e muito da história do país é revelado através do impresso, por essa razão, os catálogos ajudam a perceber e relevar muitas das práticas de leitura e a rede de comunicação que começou a se formar por aqui. Apesar de fornecer dados sobre o surgimento de cada jornal em cada cidade ou província, o catálogo ajuda a entender o que Marialva Barbosa (2013, p.69) chama de “explosão da palavra impressa”. Na opinião de Renée Barata Zicman (p.89) a “imprensa é rica em dados e elementos e

4 Livro escrito pelo seu pai Nelson Werneck Sodré. O autor colocou em relevo o papel da imprensa na formação histórica do país desde os primeiros periódicos sendo responsável pela transformação do Brasil e atuando como partícipe da mesma.

muitas vezes permite um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais políticas, etc”. O estudo da história da imprensa pode contemplar História Social, História Política, História das Mentalidades, História da Leitura, dentre várias possibilidades que a imprensa nos oferece.

O surgimento do IHGB entra em contexto de produção da história da nação, ou seja, da criação de uma história nacional através de pesquisas no território brasileiro. Ainda sobre o Instituto deve-se apontar a importância no que tange a constituição de um acervo documental sobre a história do Brasil cujo objetivo era despertar a consciência da necessidade da busca de documentos (leia-se fontes) que ajudassem a contar a nossa história. O fim do Instituto é de “coligir e metodizar os documentos históricos e geográficos interessantes a história do Brasil”, ou seja, a configuração de um centro documental que possibilitasse futuras pesquisas. Houve também uma parceria com outras Instituições estrangeiras bem como ramificações no próprio território nacional. Dessa maneira, o IHGB funcionou como um repositório multiforme de dados para a história das ideias do passado brasileiro e patrocinou uma série de pesquisas em diversas regiões do território nacional.

De acordo com Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2012, p.8) “a nação brasileira nasce e cresce com a imprensa” e que uma pode explicar a outra. As autoras enfatizam que a imprensa é a um só tempo objeto e sujeito da história brasileira. Pode-se dizer que os jornais revelam aspectos culturais, sociais, políticos em momentos distintos do país como, por exemplo, da fase colonial até a republicana. O Instituto ainda teve importância no que se pauta a constituição de um acervo documental sobre a história do Brasil, cujo escopo era despertar a consciência da necessidade da busca de documentos (leia-se fontes) que ajudassem a contar a nossa história.

Para compreender a proposta do trabalho deve-se entender a relação do IHGB com os pressupostos teóricos sobre memória, história, narratividade, objetividade, discurso e poder. Uma das maiores aproximações teóricas dessa pesquisa e com a obra *Memória, História e Historiografia* de Fernando Catroga (2001), pois o IHGB é um “produtor” ou um “reprodutor” de memória, ou melhor, memórias (no plural) por excelência. O próprio título da obra

de Catroga já sugere o que o autor vai trabalhar que é essa relação entre memória (saber ainda não institucionalizado) com historiografia (aquela já balizada por pares e que configuraria em um atestado de verdade). O autor cita Ricoeur quando afirma que o primeiro passo, a saber, que recordar é um ato de alteridade⁵.

Para que nos reconheçamos enquanto sujeitos é necessário conhecer o passado para que o próprio presente adquira sentido. Catroga fala muito sobre o sentido de se estudar o passado e que o presente histórico é um ponto de encontro entre recordação e esperança. Hartog (1996, p. 07) cita Julien Gracq quando afirma que “História tornou-se, essencialmente, uma admoestação dirigida ao presente pelo futuro”.

Pode-se fazer um comparativo com o IHGB quando parte de seu projeto é justamente rememorar e produzir um conhecimento para geração futura, mas que compreenda o seu próprio tempo, entretanto, trata-se nesse caso de uma memória coletiva, pois se busca uma identidade nacional. Para Catroga (p.18) o século XIX “conduziu aos conceitos de *memória social* e *memória colectiva* e ao reforço da definição da sociedade como um organismo ou uma totalidade”. Justamente essa era uma das proposições iniciais do IHGB, construir uma história nacional através de um conjunto de ideais expressos em seus estudos monográficos expostos em seus mais diversos números. Contudo, deve-se ter em mente uma dimensão do presente. A produção do IHGB era realizada por homens do seu tempo e de um determinado lugar social em uma concepção de Michel de Certeau no famoso texto *Operação Historiográfica*. Por esse motivo, a dimensão de presente é essencial para se construir a história através da memória, entretanto, deve-se entender que ela é seletiva, pois ela é um recorte “iluminado” pelo historiador. O princípio da memória está em recordar e essa por sua vez subordina-se em um princípio de realidade, ou seja, de algo que já existiu e que deixou vestígios.

Catroga ainda discorre que a memória possui um papel pragmático e normativo, ou seja, se ela existe foi porque foi lembrada e diferenciada daquilo que foi esquecida. Através da memória forma-se uma identidade numa relação dialógica entre o eu e o outro. Trazendo para o presente projeto pode-se dizer que o IHGB é um espaço “selecionador de memórias”, pois os intelectuais do período que

5 (CATROGA, 2001, p.17)

selecionavam através do seu discurso sobre o que iam escrever, com quais objetivos a fim de contrapor uma “amnésia” de fatos que, se não lembrados, não ajudariam no constructo de uma sociedade, por essa razão, a criação de uma memória era fundamental para o projeto de um Brasil Nação. A imprensa acompanhou essas transformações e por isso mereceria uma “homenagem” com esse catálogo.

O contexto que o surgimento da imprensa e do nascimento do IHGB converge para o momento que Catroga chama de século da memória e da história. Havia uma ânsia em buscar no passado uma explicação para legitimar o presente. Ele explica que

A partir do que ficou exposto, é lógico que tenha sido na modernidade, e sobretudo no século XIX que este ritualismo memorial ganhou a sua mais pública expressão, podendo mesmo sustentar-se naquela que foi o “século da memória” (Pierre Nora, 1984). Mas também, e não por acaso, o “século da história”, isto é o século da construção mítico simbólica da nova ideia de nação. Entende-se as transformações sociais, culturais e simbólicas exigiam que os indivíduos, as famílias, as novas associações (assentes no contrato), as classes, os novos Estados- Nação procurassem no passado-como o havia feito a antiga aristocracia- a sua legitimação (CATROGA, 2001, p.29)

No caso na pesquisa sobre IHGB e centenário da imprensa é necessário refletir de que maneira os intelectuais e homens de letras buscaram no passado, exemplos de jornais e periódicos a fim de legitimar um jornalismo que se construiu juntamente com a nação. O contexto analisado pela presente pesquisa (ano de 1908) converge para um momento de inspiração da escola metódica em que o documento é a prova do real, por isso selecionar, coletar e trazer o que já existiu de periódicos faz parte desse inventário sobre a história da imprensa em uma atribuição acumulativa, ou seja, tudo o que foi pesquisado se torna fonte de pesquisa e contribui para contar a história nacional. Para Catroga (2001, p.32) “O investimento historicista e comemorativo constituía uma prática adequada e uma concepção acumulativa, evolutiva e continuísta de tempo e à função normativa e integradora de memória”.

Outra discussão que contribui para a pesquisa é pensar no IHGB como um espaço que promove “ritos de memória”. Rememorar um século de história da comunicação é de certa forma fazer o que Catroga (2001, p.40) chama de rito de recordação. A produção da história/historiografia seria um modo de combater o esquecimento ou a já mencionada amnésia. O século XIX e início do século XX coincidem

com o momento que o autor aponta como “sociedades de memória” ou “apoteose do historicismo”.

Caberia à História exorcizar a morte dando luz ao conhecimento através do que Catroga chama de re-presentificação e que o testemunho do documento liga a memória à História. O IHGB ao propor um estudo praticamente quantitativo sobre a imprensa periódica brasileira funcionaria como fonte produtora de memórias e tradições cujo escopo seria resgatar uma história que julgava importante.

Dentre os objetivos do *Tomo Consagrado* na primeira parte do volume I (p.8) estão

1º Exposição de todos os jornais publicados no Brasil, no século decorrido de 1808 a 1907 (31 de dezembro); 2º Publicação de uma monografia, ou memória histórica sobre a gênese e os progressos da Imprensa periódica no Brasil; 3º Publicação de um catálogo methodico de todos os specimens, ou collecções que figurarem na Exposição 4º Cunhagem de uma medalha comemorativa.

Podem-se elencar algumas palavras-chaves que demonstram a importância da memória já tratada anteriormente, todavia, não qualquer memória, mas uma que expressasse a gênese e os progressos da imprensa periódica. Outro aspecto importante é o método utilizado através de um catálogo metódico, ou seja, os produtores dessa memória sendo influenciados por um determinado contexto de produção do conhecimento histórico. A narrativa calcada em uma aparente objetividade, mas que reflete características de seu tempo.

Outro ponto é mencionar que a memória (em uma acepção Moderna) é um produto da história. O que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro fez foi materializar essa memória em um *Tomo*, cuja comemoração é uma expressão da própria condição histórica de seus produtores, ou seja, ele mesmo busca se autoconhecer através de fatos passados. A imprensa, querendo ou não, mudou um pouco a dinâmica do Brasil ao formar uma rede de informação, pois mesmo boa parte da população não sendo letrada tinha acesso a notícias via oralidade, em espaços de sociabilidade, etc. Nesse quesito Catroga (2001, p.66) afirma que: “a memória, tal como a historiografia, é uma das expressões da condição histórica do homem”. O IHGB percebendo isso acreditou que essa história deveria ser rememorada. Talvez por isso a palavra chave que conduza boa parte da pesquisa seja memória da imprensa bem como a comemoração do seu centenário.

Dessa maneira, o catálogo elaborado pela revista IHGB, nos revela várias informações sobre o surgimento da palavra impressa, por essa razão, faz-se o

seguinte questionamento: De que maneira o campo intelectual do IHGB concebeu a história da imprensa a partir do *Tomo Consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa no Brasil em 1908*?

OBJETIVO GERAL

Analisar o discurso comemorativo do centenário da imprensa através do *Tomo Consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa no Brasil* bem como outras edições regionais produzidas pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a intelectualidade no período (século XIX e início do século XX)
- Analisar o contexto de produção do conhecimento histórico no que tange ao período de produção do *Tomo Consagrado*, ou seja, verificar que métodos e correntes teóricas foram utilizados para composição desse catálogo.

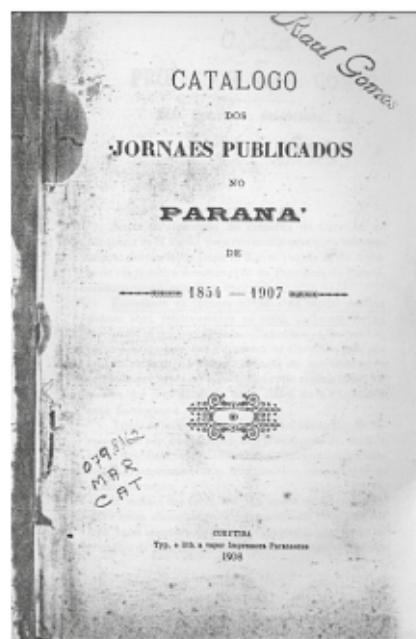
METODOLOGIA E FONTES

Inicialmente, o trabalho utiliza pesquisa bibliográfica para construir a base de referências que dá sus-

tentação à proposta. O projeto também se sustenta em pesquisa documental (arquivo já disponibilizado na internet, Biblioteca Nacional e Biblioteca de Humanas da UFPR) de arquivos históricos do centenário da imprensa.

Tomando conhecimento da primeira parte volume I do Tomo, nota-se que é apenas um volume introdutório que fala sobre os objetivos de se criar uma grande memória dos periódicos do Brasil com a criação de um catálogo do centenário da imprensa no país. Dessa maneira, cada estado teria um responsável por elaborar uma monografia ou memória histórica que mostrasse sobre imprensa de seu estado.

O primeiro volume possui texto de autoria de Alfredo de Carvalho intitulado “Gêneses e Progresso” que cita ideias gerais sobre o centenário da imprensa. O autor discorre sobre os primeiros veículos que circularam nos estados como, por exemplo, a Gazeta do Rio de Janeiro (primeiro jornal impresso no Brasil datado de 10 de setembro de 1808), Aurora Pernambucana (primeiro jornal de Pernambuco datado de 27 de março de 1821), o Constitucional (primeiro impresso da Bahia) e o Farol Paulistano (primeiro jornal de São Paulo datado de 7 de fevereiro de 1827, dentre outros. Na mesma edição do Tomo existe um artigo foi publicado no Jornal “O Commercio” em 29 de agosto de 1908 exaltando a importância histórica desse levantamento como “esplendido triumpho para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” (pág.77). Reconhece o esforço daqueles que participaram desse levantamento



Exemplo dos catálogos elaborados, cujo objetivo era fazer um inventário sobre todos os jornais que o Brasil teve durante seu centenário. No primeiro exemplo, a Revista IHGB e ao lado o catálogo paranaense elaborado por Romário Martins

ao reunir mais de 15 mil espécies de jornais “Lutando com o indifferentismo de muitos, a má vontade de outros, a inercia de mais alguns, o Sr. Max Fleiuss conseguiu ainda assim reunir mais de quinze mil specimens de jornaes aqui publicados, a partir de 1808” (p.78).

Já a parte II volume I conta com o levantamento referente ao nome dos jornais publicados, cidade, tempo de circulação, posicionamento político, etc.

Dentre as fontes encontradas está a contabilização de 5277 publicações da Região Norte e Nordeste. Da listagem o estado que mais se destaca é Pernambuco com 1622 publicações, seguido de Ceará 947, já o Pará apresenta 697 periódicos. Dos outros locais Alagoas somou 471 jornais, Amazonas o número foi de 347, Maranhão 308, Rio Grande do Norte 255, Sergipe 226, Piauí 219 e Paraíba 185.

Na publicação da parte I volume I aparece quais foram os últimos estados que a imprensa chegou: Amazonas em 1851 e Paraná em 1853. Os motivos são explicados por “Paraná e Amazonas foram os últimos Estados em que penetrou a imprensa, facto aliás bastante explicável pela sua tardia condição em províncias” (p.70).

Aspectos gerais como ano, cidade, nome da publicação, durabilidade, posicionamento político fizeram parte deste levantamento preliminar que contou com um responsável para cada estado. Além dessa edição do Tomo foi encontrada uma edição introdutória falando dos objetivos da equipe IHGB e falando brevemente sobre os primeiros impressos de cada estado.

Outros inventários encontrados foram *Catalogo de Jornaes Publicados no Paraná* escrito por Romário Martins e *A Imprensa Periodica de São Paulo de 1823 até 1914 produzido por Affonso A. de Freitas*. O primeiro conta com 158 páginas e foi publicado em 1908, enquanto o segundo apresenta 825 páginas e publicado uns anos após o centenário em 1915. Outra fonte é trazer exemplos (com finalidade de ilustração) dos principais periódicos que marcaram a história do Brasil, muitos deles estão disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira. Todas as fontes mencionadas servirão de base para a dissertação proposta no sentido de compreender o desenvolvimento da imprensa no Brasil juntamente com a conexão da palavra imprensa como veículo de compreensão da realidade social.

Além da descrição documental uma análise de conteúdo se faz válida, pois se deve discutir o que

CATALOGO GERAL

1891

1 – Aurora Pernambucana — Na Officina do Trem de Pernambuco. Com licença do Ministro da Policia, 1821, 16-4°.

O n. 1 sahio na terça-feira, 27 de março, e o n. 39 (ultimo) segunda-feira, 10 de setembro; aos ns. 28 e 29 sahiam supplementos de 1 pag., em 28 de agosto e 4 de setembro. No alto trazia uma vinheta allegorica representando uma paisagem arborizada e, ao fundo, o sol surgindo do mar, e, sob o titulo, a epigrapha:

Depois da precelliza tempestade,
Nocturna sombra, e sibillita vento,
Traz o manhã serena claridade,
Esperanca do porto e salvamento.

CAMPOS.

Publicava-se semanalmente e vendia-se na rua do Crespo, na Loja n. 11, a 80 réis o n., sendo o seu producto applicado a beneficio dos educandos do Trem Militar. Nos primeiros ns. não vinha a designação do lugar da impressão; mas do n. 3, de segunda-feira, 23 de abril, em diante começou a se declarar impresso *Ora diurna*, e do n. 6, de domingo, 29 de março mesm. Na Officina do Trem de Pernambuco. Cada n. constava de 4 pp. não numeradas, de 2 columnas de composição, excepto o n. 1, que trouxe apenas 3 pp. de 1 columna, estando a quarta em branco. Foi este o primeiro jornal pernambucano, creado sob os auspícios do Governador Luiz do Rego Barros e exclusivamente redigido pelo seu secretario Rodrigo da Fonseca Magalhães, moço portuguez que, pelos seus elevados talentos e pela sua illustração, devia mais tarde attingir culminante posição na politica do reino.

2 – Sagarregra — Na Officina do Trem de Pernambuco (n. 1); Na Officina do Trem Nacional de Pernambuco (ns. 2-4); Na Typographia Nacional de Pernambuco (ns. 5-15); Na Typographia de Cavalcante e Companhia

Exemplo da descrição de jornais do Estado de Pernambuco no Tomo Consagrado à Exposição Commemorativa do Primeiro Centenário da Imprensa Periódica no Brasil.

foi publicado, posição política. Outra metodologia é a análise do discurso no sentido de se entender a produção desses catálogos comemorativos pelos intelectuais do IHGB. Mais um fundamento metodológico perpassa ao levantamento da produção historiográfica em torno de temas como História da imprensa, História do Brasil (contexto político/social) e História Intelectual para compreender a produção de 100 anos de imprensa no Brasil.

Marques de Melo⁶ (2006, p.227) pondera que o estudo historiográfico da imprensa é uma verdadeira mina de conhecimentos “não somente como fonte de sua própria história, mas também das situações e acontecimentos os mais diversos”. Recuperar os processos comunicativos do passado exige pensar que sempre envolve ações de sujeitos comunicacionais (o homem). Para a autora são os atores sociais que constroem a história da comunicação e que a mesma deve

6 O autor cita Wilhelm Bauer (pág.227) quando pondera que: “a imprensa é como um diário de sua época, cuja consulta é necessária às gerações futuras, inclusive para descobrir os mais finos estímulos da vida pretérita”.

privilegiar as ações humanas no passado. Barbosa esboça uma definição de história da comunicação quando relata que a história da comunicação é a reconstrução, pela interpretação (ou ato interpretativo), dessas múltiplas mediações e de suas materializações em processos complexos. Para ela a história é a reconstrução e interpretação onde estão incluídas, necessariamente, as visões de mundo presentes, sendo os textos históricos os fiadores do passado. A história estaria além da disciplinarização do saber, ela é a forma que o ser humano percebe a duração e como visualiza a relação ruidosa com o passado, presente e futuro. Ainda ressalta o fato do ser humano se constituir na história e que muitas coisas são esquecidas, cabe ao historiador lembrar-se de algo “escondido/esquecido” e dar luz a esse conhecimento. O fator esquecimento é sempre importante, uma vez que só existe lembrança porque há esquecimento.

A relação história-comunicação é necessária para entender as ações humanas no tempo. Recuperar processos comunicacionais passados é pensar que são os atores sociais que constroem a história e que muitas vezes ficam materializados em diversos suportes midiáticos através dos discursos. Muitas narrativas podem se perder no tempo, entretanto, são “iluminadas” pelo historiador que vê nelas seu objeto de pesquisa, de descobrir aspectos gerais ou particularidades de determinados temas, de modo a construir a memória e a disseminando através da sua escrita.

Quando se estuda história da mídia é necessário que se compreenda a complementaridade entre elas enquanto teorias e discursos. Os suportes midiáticos são excelentes fontes para a história uma vez que elas revelam muito sobre aspectos de um fato social/cultural. Tanto a história quanto a comunicação como caminhos narrativos (textos de múltiplas naturezas). Parafraseando Jacques Le Goff, os impressos são documentos-monumentos de um período, pois são atestados de documentos de um tempo e lugar.

Para as autoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Marialva Carlos Barbosa, no livro *Comunicação e História-Partilhas teóricas* (2011, p.11), os meios de comunicação “se transformam em espécies de fiadores do momento histórico”. Outro aspecto é pensar o processo comunicacional como algo relacionado às práticas sociais e culturais. Asa Briggs e Peter Burke na obra *Uma história social da mídia* (2006, p.72) lembram que “o surgimento dos jornais também estimulou a leitura em

voz alta no café da manhã ou no trabalho, assim como o fato de tantas pessoas lerem as mesmas notícias ao mesmo tempo ajudou a criar uma comunidade de leitores”.

No Brasil mesmo com o predomínio do analfabetismo, o jornal fez criar uma rede de leitura⁷, pois mesmo através da oralidade as notícias eram repassadas. Para Barbosa (2013, p.78) “a proliferação dos periódicos no território brasileiro diz respeito à função que exercem na construção de uma esfera pública atuante e assumida pelo jornalismo” e que a palavra impressa se constituía na palavra duradoura. Ainda de acordo com a autora (2013, p.75)

A imprensa servia, portanto, para que os “atos e providências” de diferentes governos chegassem ao conhecimento de todos. Mas os jornais tinham outras funções: definir a posição política adotada; expressar opiniões e juízos de valor; discutir as palavras de ordem do dia; e ampliar conhecimentos, dando aos que manejavam a pena o privilégio de instruir, educar, enfim, levando as Luzes àqueles que estavam “imersos nas trevas da ignorância”

No começo as publicações ainda eram escassas, entretanto, a partir da década de 1820 acontece uma expansão dos impressos, devido à relativa liberdade de imprensa. As mudanças políticas tiveram influência no aumento do número de periódicos. No ano de 1821, Dom João VI assinou um decreto suspendendo provisoriamente a censura prévia da imprensa, contudo, somente em 1830 que um projeto de lei sobre liberdade de imprensa foi regulamentado. A partir de então o circuito de informações cruzavam os limites regionais. Para Barbosa (2013, p.65) “Da mesma forma, num circuito de opiniões que cruzavam os limites regionais, aquilo que era impresso nos jornais que proliferarão na corte a partir de 1821 também fazia eco nos que aparecerão inicialmente nos territórios politicamente mais importantes”. A autora complementa afirmando que “Do ponto de vista contextual, podemos situar o período entre 1820 a 1840, quando ocorre a explosão da palavra impressa pelo território, como uma época marcada pelo processo da independência, de consolidação da monarquia e da formação do Estado Nacional” (BARBOSA, 2013, p. 66).

A chegada da Imprensa Régia permitiu para além de uma proliferação dos impressos, mas a expansão do mundo letrado dando novos sentidos ao mundo narrado, mesmo que fosse mesclado com uma cultura oral. Seguindo este ponto de vista Barbosa

7 Seguindo a linha de raciocínio de Barbosa (2013), pode-se dizer que o universo da leitura ainda era restrito a poucos. Figuravam nessa categoria os homens influenciados pelo “signo das luzes” como advogados, médicos e profissionais da elite. Estes seriam os “intérpretes da nação”

(2013, p.97) relembra que “o mundo da impressão invadia cidades, vilas, lugares distantes da Corte. E pelos periódicos tomava-se conta do que acontecia, não apenas nas províncias, mas em terras distantes. Tomar conhecimento do que estava escrito naqueles impressos era participar do mundo”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (orgs). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *História da Comunicação no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (orgs). *Comunicação e história-Partilhas teóricas*. Florianópolis: Insular, 2011.
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. *Por uma história dos sistemas de comunicação*. In: Revista Contracampo. Niterói.VI, n.01, julho/dezembro 1997.
- BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro. 2ª edição, 2006.
- CARVALHO, Alfredo de. *Annaes da Imprensa Periódica Pernambucana de 1821-1908*. Recife: Typographia do Jornal do Recife, 1908.
- CARVALHO, Alfredo de. *Genese e progresso da imprensa periódica no Brazil* In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: 1908, vol. I, p.77.
- CATROGA, Fernando. *Memória, História e Historiografia*. Coimbra, Portugal: Quarteto, 2001.
- COELHO, Edmundo Campos. *As profissões imperiais- Medicina, Engenharia e Advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lurdes. *Imprensa a serviço do progresso*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- HARTOG, François. *Regime de Historicidade* [Time, History and the writing of History - KVHAA Konferenser 37: 95-113 Stockholm 1996]. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.htm>
- LANGLOIS, Ch. V. SEIGNOBOS, Ch. *Introdução aos Estudos Históricos*. São Paulo: Renascença, 1946.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. v.I
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARTINS, Romário. *Catalogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854 a 1907*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.
- MINDLIN, José. *Impressão Régia: Seu significado e suas realizações*. In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (orgs). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 19-21
- MELO, José Marques de. *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: Imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908, vol. I, p. 8-10.
- RÜSEN, Jörn. *Narratividade e objetividade na Ciência Histórica*. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v XXIV, n2, p. 311-335, 1998.
- ZICMAN, Renée Barata. *História através da imprensa-algumas considerações metodológicas*. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. São Paulo, v.4, p. 89-102, 1985.